

EUCLIDES DA CUNHA

Escritor, ensaísta e jornalista fluminense (20/1/1866-15/8/1909). Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasce em Cantagalo. Órfão de mãe aos 3 anos, é criado por parentes. Mora em várias cidades até se fixar no Rio de Janeiro. Ainda jovem adota idéias abolicionistas e republicanas. Começa o curso de engenharia em 1885, mas o abandona por falta de dinheiro. No ano seguinte ingressa na Escola Militar, de ensino gratuito. Em protesto contra a repressão às manifestações republicanas, em 1888 joga o espadim de cadete aos pés do ministro da Guerra e é expulso da escola. Readmitido no ano seguinte, após a proclamação da República, chega a tenente, mas deixa o Exército em 1896 por motivos políticos. Muda-se para São Paulo, onde recomeça o curso de engenharia e passa a escrever para o jornal A Província de S.Paulo (atual O Estado de S.Paulo). Acompanha, no sertão baiano, o movimento chefiado pelo beato Antônio Conselheiro no arraial de Canudos, e o material recolhido é publicado no jornal e transformado no livro Os Sertões (1902), um clássico da literatura latino-americana. Com a obra, o escritor ganha reconhecimento nacional, sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1903. É assassinado no Rio de Janeiro pelo amante de sua mulher, a quem tentara matar.

Cunha, Euclides da, Os Sertões

(...)

"Terminara afinal a luta cruelíssima...

Mas os generais seguiam com dificuldades, rompendo pela massa tumultuária e ruidosa, na direção da latada, quando, ao atingirem grande depósito de cal que a defrontava, perceberam surpreendidos sobre as cabeças, zimbrando rijamente os ares, as balas...

O combate continuava. Esvaziou-se, de repente, a praça.

Foi uma vassourada.

E volvendo de improviso às trincheiras, volvendo em corridas para os pontos abrigados, agachados em todos os anteparos, esgueirando-se cosidos às barrancas protetoras do rio, retransidos de espanto, tragando amargos desapontamentos, singularmente menoscabados na iminência do triunfo, chasqueados em pleno agonizar dos vencidos – os triunfadores, aqueles triunfadores, os mais originais entre todos os triunfadores memorados pela História, compreenderam que naquele andar acabaria por devorá-los, um a um, o último reduto combatido. Não lhes bastavam seis mil mannlichers e seis mil sabres; e o golpear de doze mil braços, e o acalcanhar de doze mil coturnos; e seis mil revólveres; e vinte canhões, e milhares de granadas, e milhares de shrapnells; e os degolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canhoneio contínuo; e o esmagamento das ruínas; e o quadro indefinível dos templos derrocados; e, por fim, na ciscalhagem das imagens rotas, dos altares abatidos, dos santos em pedaços – sob a impassibilidade dos céus tranqüilos e claros – a queda de um ideal ardente, a extinção absoluta de uma crença consoladora e forte...

Impunham-se outras medidas. Ao adversário irresignável as forças máximas da natureza, engenhadas à destruição e aos estragos. Tinham-nas, previdentes. Havia-se prefigurado aquele epílogo assombroso do drama. Um tenente, ajudante-de-ordens do comandante-geral, fez conduzir do acampamento dezenas de bombas de dinamite. Era justo; era absolutamente imprescindível. Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota.

Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade.

Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça. Vinha de molde a dinamite... Era uma consagração."